

**Arquitetura para a multidão:
explosão demográfica na arquitetura de Fábio Penteado.**

Ivo Renato GIROTO *

* Doutorando em Teoria e Historia de la Arquitectura pela Universidad Politécnica de Cataluña – UPC, Máster Oficial em Teoria e Historia de la Arquitectura pela mesma universidade (2008), Especialista em Pós-modernidade: composição e linguagem pela Universidade Estadual de Londrina – UEL (2006) e graduado em Arquitetura e Urbanismo pela mesma universidade (2004).

Desde 2010 é docente da Universidade de Cuiabá-UNIC

Rua 25 de agosto, nº 65, apto. 1304. CEP: 78043-382. Cuiabá-MT

igiroto@gmail.com

Resumo

Ao longo do século XX a população mundial cresceu exponencialmente, especialmente a partir de sua segunda metade. Essa explosão demográfica trouxe consigo diversas consequências, entre elas: alterações nos modos de vida e de relacionamento, problemas de abastecimento e crescimento descontrolado das cidades, além de repercussões psicológicas sensíveis no conjunto da humanidade.

A consolidação dessa nova realidade foi acompanhada com apreensão pela sociedade e discutida insistentemente pela intelectualidade e imprensa a partir dos anos 50. No Brasil, essas transformações foram sentidas de maneira especialmente aguda e problemática, assim como na maioria dos países subdesenvolvidos. A arquitetura apresentou respostas ao problema desde diversos pontos de vista e realidades específicas, figurando entre elas a proposta arquitetônica do paulistano Fábio Moura Penteadó.

A partir da preocupação, externada pelo arquiteto, em solucionar a problemática das grandes populações urbanas e baseado no termo multidão, que o mesmo elege para referenciar-se a elas, este artigo pretende investigar se, e de que maneira, se pode considerar a obra de Penteadó como feita para a multidão.

Para isso, após a apresentação das características básicas de algumas obras do arquiteto recorre-se a uma análise conceitual do termo multidão, a fim de relacionar conceitos e projetos de maneira a permitir considerações acerca da validade do referido relacionamento.

Palavras-Chave: Multidão, massa, Fábio Penteadó, Escola Paulista.

Abstract

Throughout the twentieth century world's population grew exponentially, especially from its second half. This population explosion has brought with it several consequences, including: changes in lifestyles and relationships, supply problems and uncontrolled growth of cities, and sensitive psychological repercussions on the whole of humanity.

The consolidation of this new reality was followed with concern by the society and repeatedly discussed by the intelligentsia and the press from the 50's on. In Brazil, these changes were felt particularly acute and problematic, as like as in most underdeveloped countries. The architecture presented answers to the problem from different points of view and specific realities and among them the architectural proposal of Fábio Moura Penteadó.

From the concern, expressed by the architect, to solve the problems of large urban populations and based on the term crowd, that he elects to refer to them, this article investigates whether and in what manner, one can consider the work of Penteadó as built to the crowd.

For this, after the presentation of the basic characteristics of some works of the architect, the text make a conceptual analysis of the term crowd in order to relate concepts and projects so as to allow considerations on the validity of that relationship.

Key-Words: Crowd, mass, Fábio Penteadó, Paulista School.

1. Multidão

A trajetória do século XX é analisada freqüentemente sob a ótica da aceleração da história, que revolucionou os modos de vida e as relações sociais em um curto espaço de tempo. O crescimento do contingente populacional do planeta foi um dos protagonistas dessa aceleração, aumentando em progressão geométrica ao longo dos cem referidos anos. Ainda que as transformações sociais e tecnológicas tenham se desenvolvido com celeridade vultosa e as pessoas se multiplicado com espantosa rapidez, os limites do planeta continuaram sendo os mesmos, gerando uma paradoxal situação de coexistência entre grandes conquistas e enormes preocupações em relação aos impactos trazidos pela nova realidade humana. Através da arquitetura e do urbanismo, diversas respostas foram sugeridas, por meio de variados pensamentos e múltiplos personagens, sendo um deles o arquiteto paulistano Fábio Moura Penteado.

A problemática populacional assume um papel central nas discussões sobre o futuro da humanidade a partir da metade século, quando cidades super-povoadas, começam a se multiplicar vertiginosamente, especialmente nos países mais pobres. Enquanto, em meados dos anos 1970, a demografia relatava que foi necessário um milhão de anos para que a população mundial atingisse o primeiro bilhão, por volta de 1800, 130 para que viesse o segundo, apenas 30 para o terceiro e outros 30 para o quarto que se aproximava¹, a sociologia começava a detectar as conseqüências sociais e psicológicas dessa tremenda revolução humana. A antiga ordem social comunitária havia sido rompida, os relacionamentos interpessoais rarefeitos e superficializados, a cultura passava a ser consumida em lotes industriais, as cidades perdiam suas referências em função da nova escala e configuração.

Nascido em 1929 e formado em 1953, o tempo da vida de Fábio Penteado coincide com a consolidação dessa nova ordem mundial, do ponto de vista de um país que sofreu agudamente as dores de um crescimento rápido, desigual e descontrolado. O início de sua carreira profissional se confunde com a mudança de perspectivas que marca a passagem do otimismo desenvolvimentista, cultivado na primeira metade do século, à constatação da realidade de um país socialmente assimétrico, submerso em um descontrolado processo de urbanização e explosão demográfica.

A divisão histórica que ilustra essa inflexão brasileira, materializada na construção de Brasília, influencia especialmente a construção do olhar crítico de um arquiteto que participa desde o princípio da maneira renovada de entender o Brasil e sua arquitetura, representada pelo surgimento da Escola Paulista. Em suma, vive a transformação de um país que abandona o campo em direção às cidades, que deixa atrás o “arcaísmo” rural e

¹ Dados retirados da revista O correio da Unesco, edição de julho 1974 – Ano Mundial da População, que publicou número especial relacionado à problemática da explosão demográfica.

elege a “modernidade” industrial, que traslada seu centro nevrálgico do Rio de Janeiro para São Paulo.

Na nova realidade metropolitana, as cidades crescem em extensão, mas não criam espaços adequados à nova realidade humana que as compõe. A dinâmica urbana denuncia o atraso crônico da atuação do poder público, da arquitetura e do urbanismo, cujos projetos invariavelmente já nascem pequenos, estrangulados pela imensidão da problemática urbana e populacional.

Fábio Penteadó interpreta esse contexto e dele retira o norte de sua pesquisa arquitetônica, voltada para as novas condições de vida urbana. Além da realidade que fala por si mesma, o despertar de sua sensibilidade em relação ao fato guarda relações com o tempo em que trabalhou na imprensa², ambiente onde a questão populacional e suas conseqüências estavam em constante evidência.

O arquiteto elege o termo multidão para se referir às grandes populações habitantes das cidades, palavra repetida insistentemente em suas declarações, entrevistas e escritos.

“E a discussão que eu abordei no meu trabalho, e até virei um chato: como alojar as multidões que vão chegando, particularmente no nosso mundo? [...] Como alojar pessoas? Qual é o modelo? [...] Espaço de multidão, que não cabe em lugar nenhum. Você tem um limite para colocar. Mas então ficou assim, uma espécie de pedra de toque de caminho.”³

Este breve trecho é elucidativo de como Penteadó entende a multidão. Primeiramente, a questão do aumento populacional desmesurado é identificada pelo arquiteto como problemática relacionada eminentemente ao mundo mais pobre, ao “nosso mundo”, onde suas conseqüências são especialmente nefastas.

Em seguida, evidencia a situação dialética que rege sua concepção sobre a questão: considera o problema físico-espacial que envolve a multidão, referindo-se às condições de seu “alojamento” na cidade para, logo após, reconhecer a indefinição inerente ao termo e à realidade, tendo em vista que não há definição quantitativa exata de multidão. Seria lutar contra moinhos de vento qualquer tentativa de fixar números ou dimensões em uma situação de constante mudança e relatividade, afinal, a capacidade do espaço vincula-se diretamente ao tamanho da multidão, sempre variável.

Ainda que lhe encante a temática multitudinária e seus mais emblemáticos projetos brilhem pela grandiosidade escalar, o que indubitavelmente se pode detectar em toda a

² No período entre 1956 e 1962, Penteadó colaborou como editor de arquitetura da revista *Visão*, onde publicou mais de 150 artigos e reportagens. Estes textos pretendiam divulgar a arquitetura brasileira em toda sua variedade, contemplando também projetos e obras feitos fora do eixo Rio - São Paulo. Como revista de variedades, a *Visão* também e ocupava da temática demográfica, recorrente na imprensa da época. Ainda no campo jornalístico, trabalhou no jornal *Arquiteto*, de 1972 a 1977, e a partir de então como diretor da revista *Projeto*, onde permaneceu como presidente honorário até 1992, além de outras atividades na imprensa.

³ Fábio Moura Penteadó, *Entrevista concedida ao autor* em 15 de janeiro de 2008.

obra de Penteadó é a preocupação com a dignidade humana, conceito muito mais relacionado à condição individual que a grandes generalizações. A marcada dimensão pública de seu trabalho, buscada através da idealização de generosos espaços de encontro e convivência, procura refazer os laços comunitários através do bem estar de cada indivíduo. Nas obras do arquiteto, a força da coletividade parte do entendimento das necessidades do “homem comum”.⁴

2. Arquitetura

Grande parte dos projetos mais conhecidos de Penteadó é definida pela grande escala, fato que direciona o olhar a reconhecer em suas obras a busca por uma “arquitetura da multidão”. A Santa Casa de Misericórdia de São Paulo foi projetada em 1968 para ser um gigantesco hospital horizontal, destinado a atender um público potencial de 1 milhão de pessoas em condições de extrema pobreza. A horizontalidade do partido nasce da consideração do tipo de usuário, geralmente carente e mal instruído, e busca dirimir a sensação de retraimento e complexidade verificada nos hospitais verticais. Uma “pracinha” estrategicamente colocada no centro do saguão principal funciona como distribuidora de acessos e transmite familiaridade e descontração ao paciente que adentra o edifício.

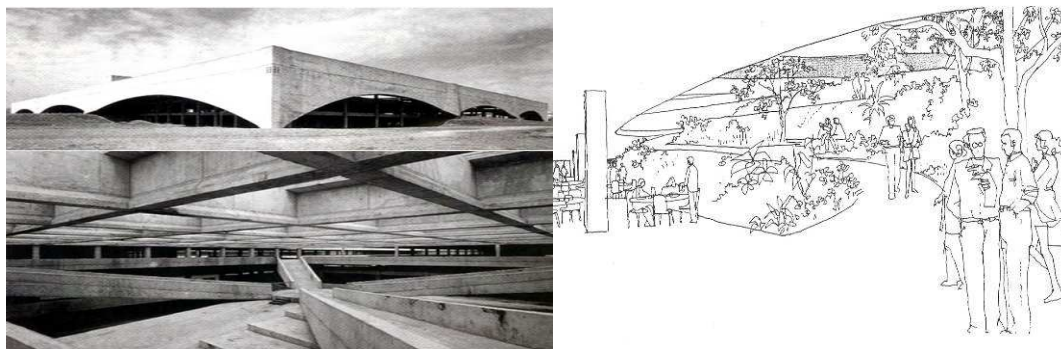


Fig. 1,2 e 3: Santa Casa: vista, praça e perspectiva interna (Foto: Penteadó, 1998)

⁴ “Então, eu sempre entendi aquilo que se chamava ‘homem comum’. [...] Ele sabe, ele presente onde ele não deve ir.” Penteadó, op. cit. O foco na questão da inclusão e do universo popular, típicos dos anos 60, revela o despertar do interesse pela situação do homem simples no contexto da sociedade: “Esse interesse novo do pensamento brasileiro pelo homem comum nasceu e desenvolveu-se amplamente durante a vigência da *democracia populista* (1945-64). Pela primeira vez, de modo sistemático, o homem comum foi encarado em toda sua integridade. [...] O que torna as artes e as ciências sociais dos últimos tempos uma manifestação fundamental da cultura brasileira, é o fato de que elas estão preocupadas com os dilemas dessas pessoas. Os seus personagens são os homens simples. No campo ou na cidade, elas estão voltadas para os anônimos, aqueles que trabalham com as mãos. [...] Pouco a pouco constroem um painel da consciência das pessoas que vivem nos mais baixos da escala social.” Octávio Ianni, *A mentalidade do homem simples*, citado por Carlos Guilherme Motta, *Ideologia da cultura brasileira*, p. 223-224.

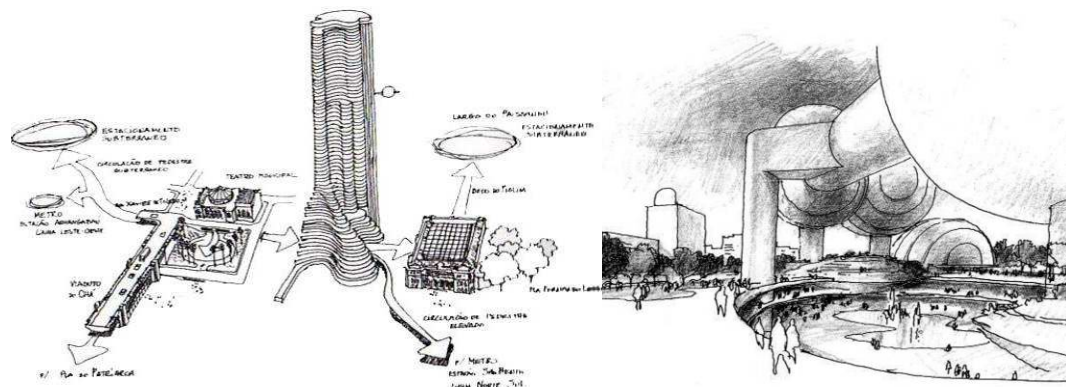


Fig. 3 e 4: Esquema de implantação da Torre do Anhangabaú e perspectiva externa do Fórum de Tóquio (Fotos: Penteadó, 1998)

A arquitetura como comunicadora de valores, ideais e possibilidades é um recurso recorrente ao longo de seu trabalho, característica que, aliada à grandeza escala, produz obras eloqüentes e poderosamente icônicas. Duas propostas recentes, para o Fórum de Tóquio, de 1989, e para uma torre no Vale do Anhangabaú, de 1991, ilustram essa potência expressiva. No concurso para a capital japonesa, um gigantesco complexo cultural e de serviços se vale de formas que referenciam a cultura tradicional nipônica na tentativa de converter-se em um símbolo da metrópole. A Torre do Anhangabaú, com a mesma intenção, reconduz o edifício alto à condição de ícone paulistano no local onde nasceu e se banalizou, reestruturando a hierarquia do entorno por meio de um verdadeiro “totem” metropolitano.

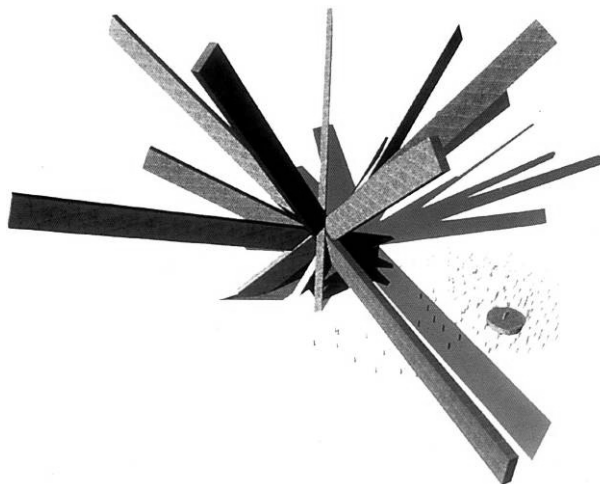


Fig. 5: Perspectiva do Monumento de Playa Girón (Fonte: Penteadó, 1998)

O monumento de Playa Girón, de 1962, parece transmitir o sentimento da vitória cubana sobre os americanos na Baía dos Porcos através de uma formalização que surpreende, tanto pela escala como pela expressividade. Uma imensa “árvore” de concreto aparente impõe sua força e se destaca na paisagem natural, abrigando a seus pés um museu e uma grande praça cívica destinada a grandes aglomerações populares, convertendo o desenho da praça em um desenho mutante enriquecido pelas movimentações da multidão no espaço.

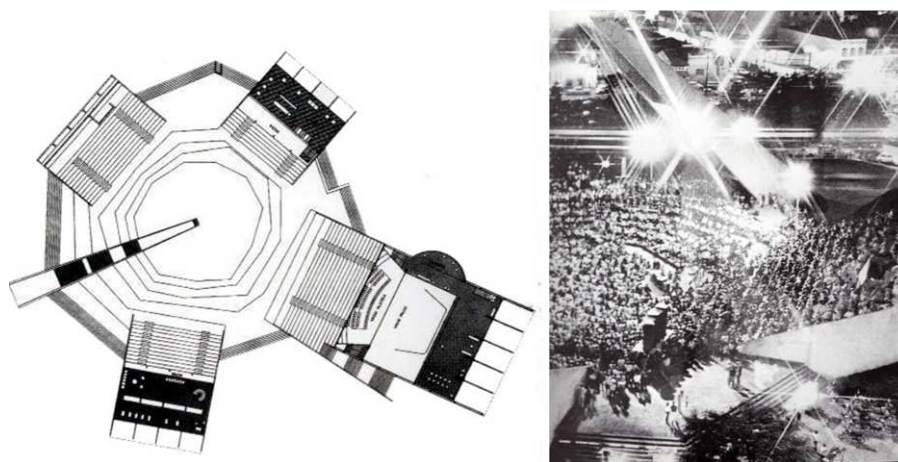


Fig. 6: Centro de Convivência Cultural de Campinas: planta e foto do espaço ocupado
(Fonte: Penteadó, 1998)

A presença humana como definidora do partido arquitetônico constitui-se em outra recorrente característica das obras de Penteadó, aparecendo de forma ora mais espontânea, ora como parte obrigatória do sentido da própria obra. O Centro de Convivência Cultural de Campinas, de 1967/68 é o exemplo mais radical dessa idealização, que encontra suas raízes no precedente Monumento Comemorativo aos 30 anos de Goiânia, de 1965. Ao subverter a hierarquia esperada, situando o teatro principal de 500 lugares sob quatro grandes volumes independentes em forma de arquibancadas, o arquiteto cria um teatro de arena ao ar livre, preserva o espaço público aberto e constrói, por meio da formalização escultórica, uma nova referência urbana. Neste caso, a arquitetura requer a presença física da multidão para estar completa, para tornar-se viva.

O Teatro Municipal de Piracicaba, de 1960, contrapõe ao volume em bloco fechado um edifício fluido, permeável e aberto ao espaço urbano, que se transforma inteiramente em um grande passeio público. Através de uma poética relação de reciprocidade, o edifício e a praça se fundem de maneira a conduzir os transeuntes a experimentar a arquitetura. Ao aceitar o vaivém espontâneo das inúmeras pessoas que o atravessam e o ocupam diariamente de diversas maneiras, a composição espacial e volumétrica trabalha a fim de atingir um dos objetivos centrais da obra de Penteadó: a plena utilização do artefato

construído, também exemplarmente alcançado em outra obra de seu início de carreira, o Fórum de Araras, projetado no mesmo ano.

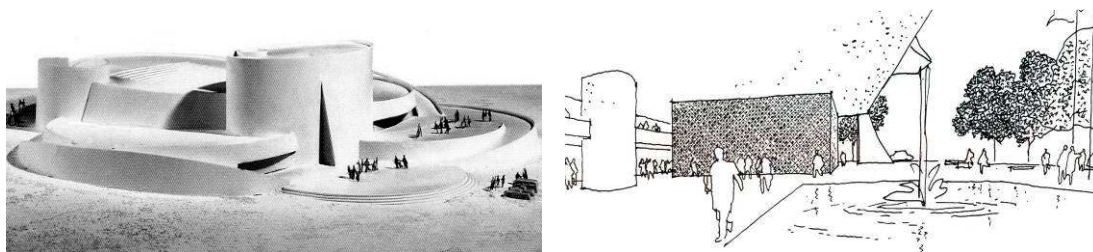


Fig. 7 e 8: Maquete do Teatro de Piracicaba e perspectiva do Fórum de Araras
(Fonte: Penteadó, 1998)

Ao se contrapor ao fechamento e sobriedade típicos dos edifícios representativos da justiça, o fórum da pequena cidade parece querer transmitir que pertence ao povo. Para isso organiza o programa específico ao redor uma generosa praça coberta, que aceita diversos usos, relacionados ou não aos serviços jurídicos oferecidos, esteja ou não em atividade as funções do fórum. Essa rentabilidade social do espaço público atinge seu ápice ao se propor a conversão da sala do júri em teatro nos momento em que a mesma não está sendo utilizada.

A abertura espacial que permeia estes exemplos é outra estratégia de projeto comum nas propostas de Penteadó. Para o concurso do Mercado do Portão, feito para Curitiba em 1965, a praça retoma a função ancestral de abrigar o mercado, que se caracteriza por ser um espaço comunitário de encontro que transcende a mera função de comprar. Ao compor a massa construída radialmente em torno do espaço comum, o arquiteto explora simbolicamente a dimensão democrática da cidade através da junção praça-mercado, representada através do retorno de personagens como o engraxate e o vendedor de passarinhos, e da figura do cego tocador de sanfonas e seu cachorro, transformados em emblema do projeto. Através de um espaço onde a atividade comercial orbita em torno ao homem, e não o contrário, as trocas entre as pessoas se intensificam e se reforça a vinculação comunal que as une.



Fig. 9: Perspectiva do Mercado do Portão (Fonte: Penteadó, 1998)

A ambientação que sugere a democracia aparece de maneira clara também na formalização de um clube privado e restritivo, a Sociedade Harmonia de Tênis, de 1964. O edifício é uma ampla praça coberta, limpa e aberta aos quatro lados através de painéis móveis de fechamento, se comportando como uma passagem que conecta idealmente a rua à piscina. A ênfase estrutural e a grelha de matriz miesiana que cobre e provê o interior de uma luz difusa, vinda de domos translúcidas, vincula inequivocamente a obra de Penteadó ao trabalho da Escola Paulista, da qual se distancia em outras ocasiões ao optar por formas mais complexas e menos regulares. A idéia de publicidade e didaticidade espacial que caracteriza a produção paulista se revela sem contradições no conceito da cobertura genérica que abriga um espaço que se pretende de uso público. Neste espaço, “*confortável para duas ou duas mil pessoas*”, transparece de maneira sutil e elegante o desejo de encontrar uma solução arquitetônica que atenda o número e abrigue o indivíduo, sem conflitos ou contradições.⁵

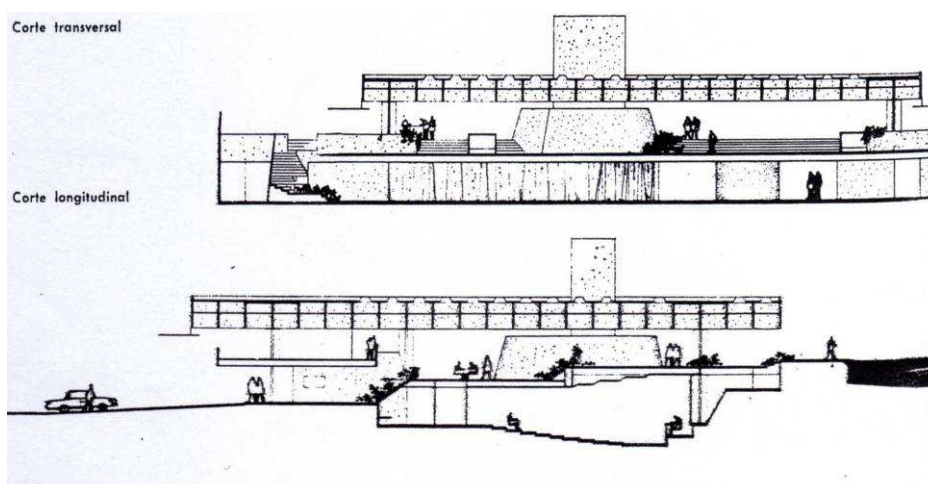


Fig. 10: Cortes do Clube Harmonia (Fonte: Acrópole 340, 1968)

⁵ Fábio Penteadó, op. cit. Sobre o projeto do Harmonia e suas relações com a multidão, diz, Jorge Czajkowski: “Este exercício de liberdade não surge dissociado de uma visão política mais ampla – encerrado ludicamente em si mesmo-, mas se baseia na aguda consciência da necessidade de elaborar uma arquitetura para a multidão, problema que a explosão demográfica coloca como premência cada vez maior. Não é a produção de modelos tipológicos – solução racionalista cujas limitações já são bem conhecidas – que interessa a Fábio Penteadó, mas a proposição de obras que sirvam de ponto de partida para a discussão de teses conceituais.” In Fábio Penteadó, *Ensaio de arquitetura*, p. 175.

3. Arquitetura da multidão

Talvez seja através dessa intensa e difícil busca por estimular a dimensão social sem agredir, ou ainda, potencializando a individual que se pode entender a obra de Penteadó, em conjunto, como feita para a multidão.

As conceituações filosóficas que abordam a multidão avalizam essa aproximação. Paolo Virno define a multidão como ‘muitos’, pluralidade, conjunto de singularidades que atuam concertadamente em prol de si mesma, e citando Spinoza, indica uma atitude plural que se mantém na esfera pública, na ação coletiva e nos aspectos comunitários, sem convergir em um movimento centrípeto de unidade, constituindo-se em base e fundamento das liberdades civis.⁶ Esta teorização diferencia a multidão do povo, que se reúne em torno a uma identidade única tendo o Estado como centro, bem como do conceito de massa, cuja essência é a indiferenciação, relacionada a uma passividade inerente que impossibilita uma atuação autônoma.⁷

A cultura de massas apresenta-se neste contexto como a única maneira de comunicação possível com tamanha dimensão humana, tendo na consolidação da indústria cultural e na conseqüente homogeneização de gostos e valores um eficiente meio de massificação social. Penteadó aceita essa realidade, tão inevitável quanto desafiadora, e trabalha a arquitetura como um meio de comunicação de massas que difunde valores e símbolos identitários, trabalhando na escala adequada ao contexto em que se insere.

Da mesma maneira que, ao reconhecer a nova realidade como molde da existência individual Ortega y Gasset apresenta-nos ao “*hombre masa*”⁸, permite-se concluir que a presença multitudinária igualmente pode estar contida na dimensão individual de cada habitante deste planeta. O ser humano moderno, forjado na cultura de massas, entroniza e compartilha valores de maneira global e, cada vez mais, espelha-se nos modelos criados nos centros difusores metropolitanos, independentemente do número de habitantes da cidade onde vive. Se considerada a multidão como ente que se manifesta difusamente por meio da dimensão individual ao mesmo tempo em que se apresenta diretamente através da grande aglomeração humana, pode-se considerar que todo o trabalho de Fábio Penteadó volta sua atenção para a resolução dos conflitos gerados por sua aparição.

⁶ Paolo Virno, *Gramática de la multitud*, p. 19.

⁷ A interpretação da multidão como um conjunto de singularidades é compartilhada de maneira geral, por Antonio Negri e Michael Hardt, que a diferenciam das massas, que tende à uniformidade social e indiferenciação. Distintamente do povo, a massa não pode reduzir-se a uma identidade única e tampouco, como ocorre com a multidão, estão compostas de sujeitos sociais diferentes. In: *Multitud*, p. 17.

⁸ “De aquí que llamemos masa a este modo de ser hombre, no tanto porque sea multitudinario, cuanto porque es inerte.” In: *La rebelión de las masas*, p. 130.

Com base nestas conceituações, pode-se identificar ainda na arquitetura de Penteadó o desejo latente de transformar a massa em multidão, de substituir passividade por atuação conjunta e plural. Ainda que o arquiteto não baseie a conceituação do projeto a partir das definições citadas⁹, a linha de pensamento que vincula todas as suas propostas parece apontar para uma direção que libere o homem, individualmente ou em grupo, do papel de mero integrante da aglomeração humana que parece crescer indefinidamente. Neste sentido, sua obra parece induzir a massa a descobrir-se multidão com o apoio da arquitetura.

As poucas obras de diferentes escalas e diversas finalidades que, a título de exemplo, ilustram este artigo demonstram as estratégias da arquitetura para alcançar o objetivo pretendido. Por reconhecer a multidão como problema numérico, se expressam muitas vezes através da grande escala; por querer construir novos símbolos acordes com a nova dimensão humana e metropolitana, materializam-se invariavelmente em formas eloqüentes e expressivas; por tentar ser pólo de atração espontâneo, privilegiam a multifuncionalidade espacial; por buscar dar acesso à cidade e à comunidade, definem-se como abertura física e psicológica; por desejar colocar o homem como centro da arquitetura, incluem como regra geral a presença humana como parte do próprio significado; por se pretenderem democráticas, contemplam a multidão em sua pluralidade de sentidos.

5. Referências

- AA.VV. **O correio da Unesco. Uma janela aberta para o mundo.** Rio de Janeiro, ano. 2, n. 7, p. 1-34, jul. 1974.
- CAMARGO, Cândido. P. F. et al. **São Paulo 1975. Crescimento e pobreza.** São Paulo: Loyola, 1976.
- DELGADO, Manuel. **El animal público.** Barcelona: Anagrama, 1999.
- ECO, Umberto. **Apocalípticos e integrados.** 4 ed. Barcelona: Lumen/Tusquets, 2001.
- FUSCO, Renato de. **Arquitectura como “mass medium”. Notas para uma semiologia arquitectónica.** Barcelona: Anagrama, 1970.
- GIROTO, Ivo R. **Las dimensiones de la humanidad em la arquitectura de Fábio Penteadó.** 2008. Tesina (Máster Oficial). Departamento de Composición Arquitectónica, Universidad Politécnica de Cataluña, Barcelona.
- HARDT, Michael; NEGRI, Antonio. **Multitud. Guerra y democracia em la era del imperio.** Barcelona: Random House Mondadori, 2004.

⁹ O estudo conceitual dos termos citados serve para balizar a análise da obra do arquiteto, como instrumentos de verificação *a posteriori*. Não se pretende sugerir, portanto, que seus projetos partem dos referidos conceitos para realizar a arquitetura, visto que invariavelmente Penteadó se refere à multidão com o sentido de massa, ou seja, de aglomeração sem potencial crítico.

IDIART, Pierre. **La cantidad humana**. Madrid: Alianza/Emecé, 1969.

MOTA, Carlos Guilherme. **Ideologia da cultura brasileira: pontos de partida para uma revisão histórica**. 3 ed. São Paulo: Ática, 1977.

ORTEGA Y GASSET, José. **La rebelión de las masas**. 45 ed. Madrid: Espasa, 2008.

PENTEADO, Fábio. **Fábio Penteado: ensaios de arquitetura**. São Paulo: Empresa das artes, 1998.

SANTOS, Milton. **A urbanização brasileira**. 3 ed. São Paulo: Hucitec, 1996.

VIRNO, Paolo. **Gramática de la multitud. Para um análisis de las formas de vida contemporáneas**. Madrid: Traficantes de sueños, 2003.

Sede social de clube. São Paulo: Acrópole, n. 340, p. 30-33, jul. 1967.